

Biblioteca Anarquista



# Teoria da Deriva

Guy Debord

Guy Debord  
Teoria da Deriva  
Dezembro de 1958

Revista Internacional Situacionista, nº.2  
Texto publicado no nº. 2 da revista Internacional Situacionista em  
dezembro de 1958. Segunda tradução (espanhol – português) por  
membros do Gunh Anopetil em 19 de março de 2006. Publicado em  
Protopia

[bibliotecaanarquista.org](http://bibliotecaanarquista.org)

Dezembro de 1958

Entre os diversos procedimentos situacionistas, a deriva se apresenta como uma técnica ininterrupta através de diversos ambientes. O conceito de deriva está ligado indissolavelmente ao reconhecimento de efeitos da natureza psicogeográfica, e à afirmação de um comportamento lúdico-constructivo, o que se opõe em todos os aspectos às noções clássicas de viagem e passeio.

Uma ou várias pessoas que se lançam à deriva renunciam, durante um tempo mais ou menos longo, os motivos para deslocar-se ou atuar normalmente em suas relações, trabalhos e entretenimentos próprios de si, para deixar-se levar pelas solicitações do terreno e os encontros que a ele corresponde. A parte aleatória é menos determinante do que se crê: no ponto de vista da deriva, existe um relevo psicogeográfico nas cidades, com correntes constantes, pontos fixos e multidões que fazem de difícil acesso à saída de certas zonas. Mas a deriva, em seu caráter unitário, compreende o deixar levar-se em sua contradição necessária: o domínio das variáveis psicogeográficas pelo conhecimento e o cálculo de suas possibilidades. Concluído este último aspecto, os dados postos em evidência pela ecologia, ainda sendo a priori muito limitado o espaço social que esta ciência propõe estudar, não deixam de ser úteis para apoiar o pensamento psicogeográfico.

A análise ecológica do caráter absoluto e relativo de cortes do conjunto urbano, o papel dos micro-climas (zonas psíquicas), das unidades elementares completamente distintas dos bairros administrativos, e, sobretudo da ação dominante dos centros de atração, deve utilizar-se e completar-se com o método psicogeográfico. O terreno apaixonadamente objetivo em que se move a deriva deve definir-se ao mesmo tempo de acordo com seus próprios determinismos e com suas relações com a morfologia social.

Chombart de Lauwe, em seu estudo sobre Paris et l'agglomération parisienne (Biblioteca de Sociologia Contemporânea, PUF 1952) assinala que “um bairro urbano não está determinado somente pelos fatores geográficos e econômicos, mas sim pela representação que seus habitantes e os de outros bairros têm dele”; e apresenta na mesma obra – pra mostrar “a estreiteza de Paris em que se vive cada indivíduo... um quadro geográfico é sumamente pequeno” –, o traçado de todos os percursos efetuados em um ano por uma estudante do distrito XVI, desenha um triângulo reduzido, sem fugir dele, cujos ângulos estão a Escola de Ciências Políticas, a casa da jovem e a de seu professor de piano.

nem sobre os aspectos passionais particulares que essa deriva acarreta. As dificuldades da deriva são aquelas da liberdade. Tudo leva a crer que o futuro precipitou a mudança irreversível do comportamento e do decoro da sociedade atual. Um dia, serão construídas cidades para derivar. Podem-se utilizar, com retoques relativamente pequenos, certas zonas que já existem. Podem-se utilizar certas pessoas que já existem.

uma greve de transportes, para agravar a confusão fazendo-se conduzir aonde for, ou perder-se nos subterrâneos das catacumbas proibidas ao público, revelaria um sentimento que seria a deriva ou não seria nada. O que se pode escrever só serve como produto deste grande jogo.

O ensino da deriva permite estabelecer os primeiro quadros das articulações psicogeográficas de uma cidade moderna. Além do reconhecimento de unidades de ambiente, de seus componentes principais e de sua localização espacial, se percebe seus eixos principais de caminhos, suas saídas e suas defesas. Chega-se assim à hipótese central da existência de placas giratórias psicogeográficas. Medem-se as distâncias que separam efetivamente os lugares de uma cidade que não têm relação com o que uma visão aproximativa de um plano urbano poderia perceber. Pode-se compor, com ajuda de mapas velhos, de fotografias aéreas e de derivas experimentais, uma cartografia influencia que faltava até o momento, e cuja incerteza atual, inevitável antes que se tenha cumprido um imenso trabalho, não é maior que a das primeiras descrições, com a diferença de que não se trata de delimitar precisamente áreas dum continente, mas sim de transformar a arquitetura e o urbanismo. As diferentes unidades da atmosfera e de moradia não estão, hoje em dia, exatamente demarcadas, sem aproximar-se dos limites mais ou menos extensos. O maior ganho que propõe a deriva é a diminuição constante desses limites, até sua supressão completa. Na arquitetura, a inclinação à deriva leva a anunciar todo tipo de novos labirintos que as possibilidades modernas de construção favorecem. A imprensa disse em março de 1955 sobre a construção em Nova York de um edifício onde se pode perceber os primeiros sinais de possibilidade de deriva no interior de um apartamento:

“As pequenas habitações da casa helicoidal terão a forma de uma fatia de bolo. Poderão aumentar-se ou reduzir-se à vontade deslizando paredes móveis. A disposição dos pisos em níveis evitará a limitação do número de cômodos, podendo o inquilino pedir que lhe deixem utilizar o nível superior ou o inferior. Este sistema permitirá transformar em seis horas três apartamentos de quatro cômodos em um de doze ou mais”.

O sentimento da deriva ligou-se naturalmente a uma forma mais geral de levar a vida, que será, no entanto, inepta na dedução mecânica. Não me estenderei nem sobre os precursores da deriva, que podem ser precisamente reconhecidos, ou desviarei abusivamente, à literatura do passado,

Não há dúvida de que tais esquemas, exemplos de uma poesia moderna capaz de trazer conseguem reações vivas e afetivas, – neste caso a indignação de poder viver desta forma – inclui a teoria, avançada por Burgess no caso de Chicago, da repartição das atividades sociais em zonas concêntricas definidas, e isto tem de servir ao progresso da deriva.

O acaso joga na deriva um papel tanto mais importante quanto menos estabelecido esteja à observação psicogeográfica. Mas a ação do acaso é naturalmente conservadora e tende, em um novo marco, reduzir tudo à alternativa de um número limitado de variáveis, e ao cotidiano. A não ser o progresso, a superação de algum dos marcos em que o acaso atua mediante a criação de novas condições mais favoráveis a nosso destino, se pode dizer que os acasos da deriva são essencialmente diferentes dos do passeio, correndo o risco de que os primeiros atrativos psicogeográficos que descubram, determinem ao sujeito ou ao grupo que deriva ao redor de novos eixos habituais, os quais lhe fazem voltar constantemente.

Uma desconfiança insuficiente com respeito ao acaso e o seu emprego ideológico, sempre reacionário, condenou a um triste fracasso o famoso perambular sem destino tentado em 1923 por quatro surrealistas partindo de uma cidade escolhida ao acaso: vagar em campo ao relento é deprimente, evidentemente, e as interrupções do acaso são mais pobres que nunca. Mas certo Pierre Vendryes leva a imprudência muito mais longe em *Medium* (maio 1954) crendo poder adicionar a esta anedota – já que tudo isso participaria de uma mesma libertação antideterminista – algumas experiências probabilísticas sobre a distribuição aleatória de girinos em um cristalizador circular, por exemplo, cuja conclusão precisa: “semelhante multidão não deve sofrer nenhuma influência direta do exterior”. Nestas condições lavam os girinos na palma da mão, pois que estes têm a vantagem de estar “tão desprovidos como é possível de inteligência, de sociabilidade e de sexualidade”, e conseqüentemente “são verdadeiramente independentes um dos outros”.

Em oposição a estas aberrações, o caráter principalmente urbano da deriva, em contato com os centros de possibilidade e de significação que são as grandes cidades transformadas pela indústria, respondem melhor a frase de Marx: “Os homens não podem ver ao seu redor mais que seu rosto; tudo lhes fala de si mesmo. Até suas paisagens estão animadas”.

Pode-se derivar só, mas tudo indica que a divisão numérica mais produtiva consiste em vários grupos pequenos de duas ou três pessoas que chegaram a um mesmo estado de consciência; a análise conjunta das im-

pressões destes grupos distintos permitirá chegar a conclusões objetivas. É preferível que a composição dos grupos troque de deriva uma com a outra. Com mais quatro ou cinco participantes o caráter próprio da deriva decresce rapidamente, e em todo caso é impossível superar a dezena sem que a deriva se fragmente em várias derivas simultânea. Diga-se de passagem, que a prática desta última modalidade é de grande interesse, mas as dificuldades que implicam não têm permitido organizá-la com a amplitude desejável até o momento.

A duração média de uma deriva é a jornada considerada como o intervalo de tempo compreendido entre dois períodos de sono. São indiferentes os pontos de partida e chegada no tempo com respeito à jornada do sol, mas deve assinalar-se, contudo que as últimas horas da noite são geralmente inadequadas para a deriva.

Esta duração média da deriva só tem um valor estatístico, sobretudo porque raramente se apresenta real, já que não se podem evitar os interessados, ao princípio ou ao final da jornada, distrair uma ou duas horas para dedicá-las a ocupações banais; ao final do dia o cansaço contribui muito com este abandono. Além do mais a deriva se desenvolve a miúdo em certas horas fixadas casualmente, ou inclusas deliberadamente durante breves instantes ou pelo contrário durante vários dias sem interrupção. Apesar das paradas impostas pelas necessidades de dormir, algumas derivas bastante intensas tem se prolongado três ou quatro dias, e até mais. É certo que, no caso de uma sucessão de derivas durante um período suficientemente longo, é quase impossível determinar com precisão o momento em que o estado mental próprio de uma deriva determinada deixa lugar à outra. Tem-se prosseguido uma sucessão de derivas sem grandes interrupções durante cerca de dois meses, o que supõe trazer novas condições objetivas de comportamento que implicam à desapareição de muitas das antigas. A influência de variações climáticas sobre a deriva, ainda que real, não é determinante mais que em casos de chuvas prolongadas que a impedem absolutamente. Mas as tempestades e outras precipitações são até propícias.

O campo espacial da deriva será mais ou menos vago ou preciso segundo a busca do estudo do terreno ou resultados emocionalmente desconcertantes. Não há o que se descuidar, já que estes dois aspectos da deriva apresentam múltiplas interferências, e que é impossível isolar um deles em estado puro. Finalmente o uso de táxis, por exemplo, pode apontar uma pedra de toque bastante precisa; se no curso de uma deriva pegar

um táxi, seja com um destino preciso ou para deslocar vinte minutos para o oeste, é que optamos, sobretudo pela desorientação pessoal. Se nos dedicarmos à exploração direta do terreno é que preferimos a busca de um urbanismo psicogeográfico.

Em todo caso o campo espacial está implícito, em primeiro lugar, nas bases da partida construídas para os indivíduos isolados por suas casas e por lugares de reunião escolhidos para os grupos. A extensão máxima do campo espacial não supera o conjunto de uma grande cidade e suas adjacências. Sua extensão mínima pode reduzir-se a uma pequena unidade de ambiente: só um bairro, ou inclusive um quarteirão se valer à pena (no limite extremo está a deriva estática de uma jornada sem sair da estação Saint Lazare).

A exploração dum campo espacial fixado supõe por tanto o estabelecimento das bases e o cálculo das direções de penetração. Aqui intervem o estudo de mapas, tanto de correntes como ecológicas ou psicogeográficas, e a retificação ou melhora dos mesmos. Pode-se assinalar que a escolha de um bairro desconhecido em si, jamais percorrido, não intervem no resultado? Diferente de sua significância, este aspecto do problema é completamente subjetivo, e não subsistiu por muito tempo.

Na “ocasião possível”, a parte da exploração é pelo contrário mínima comparada com a do comportamento desorientador. O sujeito é convidado a dirigir-se só, em uma hora marcada a um lugar que lhe fixe. Acha-se livre das pesadas obrigações do cotidiano, já que não tem nada a esperar. Sem, no entanto, ter levado esta “ocasião possível” inesperadamente a um lugar que pode não conhecer, observa os arredores. Podem dar-se ao mesmo tempo outra “ocasião possível” no mesmo lugar com alguém cuja identidade não é previsível. Pode inclusive não tê-lo visto nunca, o que o incita a conversar com alguns transeuntes. Pode não encontrar nada, ou encontrar por acaso algo que o tenha fixado à “ocasião possível”. De todas as formas, sobretudo se o lugar e a hora foram bem escolhidos, o emprego do tempo e do sujeito terá uma mudança imprevisível. Pode inclusive pedir por telefone outra “ocasião possível” a alguém que ignora onde lhe foi conduzido a primeira vez. Há recursos quase infinitos para este passatempo.

Assim, o modo de vida pouco coerente, e inclusive com certas brincadeiras consideradas de mau gosto, que tem sido sempre censurada em nosso ambiente, como, por exemplo, introduzir-se de noite no chão das casas em demolição, percorrerem Paris sem parar em pontos de ônibus durante